



# UMA POLITICA DE SAUDE PARA O POVO

Do alto dos seus ministérios, governos, conselhos e presidências, a burguesia saudável e anafada vem ditando as suas leis sobre a saúde — não a saúde do povo mas a saúde deles. Vem dizendo que há que resolver esse problema — mas o povo que o resolva. Vem afirmando e prometendo medidas e verbas — as medidas de luta «sete palmos de terra e um caixão» e a verba que continuam a roubar ao povo.

A verba de 3% de orçamento atribuída pelo Ministério do Sr. Zenha para a saúde vai matar os filhos dos trabalhadores, já que os trabalhadores, a burguesia precisa deles em número suficiente para manter a máquina produtiva em funcionamento; e vai, directamente ou indirectamente, servir os que possuem e controlam esses meios de produção.

A verba atribuída, tirada ainda assim dos magros salários que o povo é obrigado a descontar para a Previdência, se a distribuirmos por doente chegamos à conclusão de que o trabalhador não pode ter mais do que uma dor de cabeça anual correspondente à aspirina que lhe cabe.

O número de doentes excede em muito o número das camas dos hospitais, e o número de quartos é, ainda, muitas vezes inferior, porcentualmente, ao de camas, — o que produz essa situação de, primeiro, nem todos os doentes terem camas e, segundo, alguns doentes se verem deitados pelos corredores ou nas cozinhas dos hospitais. Esses doentes não são, certamente, os capitalistas para quem há sempre quartos, mas os trabalhadores para quem nunca há camas em número suficiente.

O número de doentes que cabe a cada enfermeiro é superior ao trabalho que este pode desenvolver e inferior, ainda assim, ao número real de doentes que existe, incluindo, como é evidente, os que não podem ser tratados porque a burguesia já não precisa deles para fazer andar a sua máquina.

Os enfermeiros são obrigados a fazer todo o tipo de trabalho mesmo que não seja de enfermagem, o que visa dispersar as suas forças e poupar na mão de obra e não lhes são atribuídas tarefas que promovam o desenvolvimento da sua capacidade profissional aumentando, paralelamente, o número de pequenas doenças mais comuns que podem ser curadas e o não são por não haver quem as combata e trate.

As empresas industriais ou não têm postos médicos ou têm meia-hora trissemanal para um clínico distribuir à média de 2 minutos por doente daqueles a quem é impossível remeter para a consulta do próximo ano.

O operário das cerâmicas leva anos a apanhar, diariamente, a silicose que o matará, mas como só ao fim desses anos a doença se manifesta, ao médico cabe-lhe, tão-só, passar a certidão de desemprego, primeiro e a de óbito, depois.

Os médicos e os postos clínicos no campo existem onde há empresas industriais ou latifúndios com o único objectivo de manter em funcionamento as forças produtivas, mas nos sítios onde os camponeses pobres semeiam a sua terra, há um posto ou um médico para cuidar de milhares de habitantes em áreas imensas.

A indústria electrónica cega rapidamente milhares de operárias. Os mineiros vão morrendo lentamente debaixo da terra. Os camponeses ao cimo dela. Os sectores explorados do povo, a pequena burguesia urbana, à porta dos hospitais ou nas bichas que já levam, por vezes, o comprimento de um ano ou dois.

A mulher trabalhadora cabe-lhe ver morrer a maioria dos seus filhos. Os filhos dos trabalhadores que sobrevivem, estão condenados, desde logo, à sub-nutrição, à miséria e à doença. É por acaso que os filhos dos pescadores, que os filhos dos camponeses e operários começam de ter, desde crianças, a barriga dilatada por virtude do excesso de sopas e batatas e da escassez de leite, vitaminas e proteínas?

Quanto aos «reformados», aos velhos ou aos inválidos, como a burguesia chama a quem já lhe não serve, trata-se de «casos arrumados». Não há tratamento para eles porque os braços deles não correspondem, já, aos ritmos de produção da fábrica onde toda a vida foram explorados.

Abrindo os jornais da imprensa burguesa, todos os dias se vêem pequenas notícias, sob o título envergonhado: «acidentes de trabalho». Não se trata, como é evidente, de acidente algum mas de crimes que a burguesia perpetrou contra os operários: as máquinas ficam mais baratas sem mecanismos de protecção, de prevenção de desastres, e assim os operários que forem vitimados — e são-no todos os dias — é que são os responsáveis dos capitalistas pouparem nas máquinas o que os operários vão gastar na saúde.

Nenhum governo da burguesia pode resolver estes problemas, nenhum partido da burguesia pode resolver estas questões. Como, porquê e para quê são tratados os trabalhadores na sociedade capitalista? Disse o camarada Arnaldo Matos na sessão de esclarecimento no Hospital de Santa Maria:



«O trabalhador é uma força produtiva que vende a única mercadoria de que dispõe, a sua força de trabalho a um capitalista que detém a propriedade privada, as máquinas, os instrumentos de produção, etc. E põe-se a trabalhar para ele, produzindo uma mais-valia e dando-lhe um lucro. Quando esta máquina emperra os serviços de saúde são chamados a recompletá-la, a arranjá-la. O trabalhador de saúde em relação a estes homens tem apenas que pôr a máquina em condições de produzir, para que aquela mercadoria que foi comprada pelo patrão produza de facto a mais-valia que o patrão tinha em vista quando a alugou. É para isto que serve a saúde, no que respeita aos trabalhadores activos.

Relativamente aos trabalhadores que já têm tempo de uso suficiente e corresponde àquele máquina que já foi amortizada, trata-se de deitá-los fora, não de tratá-los, de prolongar-lhes a vida, de curar-lhes o sofrimento. Trata-se pura e simplesmente de abandoná-los à morte. Assim como uma máquina depois de um certo período de uso é amortizada pelo capital, também o trabalhador, após o período de uso normal da sua força de trabalho e da produção de valor e de mais-valia, é abandonado e não há nenhuma espécie de demagogia que iluda isto aos olhos do povo.»

(...) «É apenas uma ilusão a de que alguém trata desse sector dos trabalhadores que correspondem no nosso país a cerca de 20 por cento dos trabalhadores.

Um trabalhador enquanto vive e enquanto é uma máquina útil e activa reproduz-se, tem filhos. É a reprodução da máquina, e também a burguesia está de certo modo interessada em que o trabalhador se reproduza dentro de certos limites, isto é, os limites necessários para que haja um exército industrial de reserva, uma força permanente sobre os salários a diminuir-lhes o seu valor real. É dentro dessa reprodução que a burguesia actua.»

Os partidos da burguesia, em particular o partido social-fascista procuram escamotear isto aos olhos do povo e fazê-lo crer que o problema se resolve em três penadas, substituindo um ministro por outro ministro — desde que este último seja social-fascista, substituindo um por outro governo — desde que neste outro a hegemonia seja social-fascista.

Define, ainda, o camarada Arnaldo Matos qual é a posição do proletariado quanto à saúde:

«Uma saúde para o povo só será possível quando o povo, a classe operária e os camponeses estiverem no poder e então sim eles vão traçar um plano, um plano e não apenas para prevenir as doenças que é onde começa mas para curar as doenças de acordo com as disponibilidades sociais.

Porque os operários, os comunistas herdaram uma sociedade do capitalismo e não podem em 24 horas resolver todos os problemas políticos da saúde. E como não somos nem charlatões nem demagogos, devemos dizer que há um plano para resolver os problemas da saúde mas não é em 24 horas; e que a primeira tarefa do proletariado é prevenir antecipadamente as doenças, evitar que elas apareçam e essa atitude de previdência pode ser facilmente adoptada e logo para toda a população trabalhadora. Da mesma maneira que a cura das doenças, terá de ser então escalonada de acordo com a produção social disponível, isto é, com a parte da produção social que sem perigo da subsistência da ditadura do proletariado pode ser dedicada ao combate à doença.»

Pretendem, agora, os partidos governamentais, no seguimento do plano do social-fascista Galhordas, ministro de I dos provisórios Governos de má memória, criar um Serviço Nacional de Saúde; à semelhança do Serviço Nacional de Emprego que, desde que foi criado tem cuidado de registar o aumento do número de desempregados, também este futuro nado-morto se limitará a assistir ao aumento do número de trabalhadores doentes.

A falência dos partidos governamentais, a falência dos governos da burguesia, provam que nem esses partidos nem esses governos podem resolver os problemas da saúde do povo. A posição desses oportunistas contra a luta dos trabalhadores de enfermagem, brandindo a arma da calúnia, afirmando que os enfermeiros pretendiam matar os doentes mas calando os médicos que fugiram do país com dinheiro, armas e bagagens, esses sim pretendendo matar os doentes; calando o boicote que as empresas multinacionais de medicamentos fazem à sua produção essas, sim, pretendendo matar os doentes; essa posição dos oportunistas prova ainda que os trabalhadores de enfermagem podem e devem avançar nessa via e já começaram a fazê-lo.

Há que unir-se ao proletariado revolucionário e à sua vanguarda, o MRPP; há que juntar-se a todos os sectores explorados do povo; ter presente que a questão da saúde não diz respeito apenas aos enfermeiros, aos médicos, aos serventes, aos doentes, mas a todo o povo.

Votar no MRPP não vai, ainda, resolver esses problemas. Mas vai permitir unir o sector mais avançado do povo em torno do único Partido e do único programa que os pode resolver.

VOTA MRPP, A VOZ DA REVOLUÇÃO NA LEGISLATIVA!

POR UMA SAÚDE AO SERVIÇO DO POVO!

VIVA A CANDIDATURA OPERÁRIA!

VIVA O MRPP!

VIVA O PARTIDO!

Lisboa, 15 de Abril de 1976

SECRETARIADO NACIONAL  
DA CANDIDATURA OPERÁRIA  
DO MRPP

ABM

ARQUIVO REGIONAL E  
BIBLIOTECA PÚBLICA DA MADEIRA